

CLARISSA DE MANHÃZINHA

Luís Roberto Amabile

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

luisrobertoamabile@gmail.com

Porque era domingo e fazia um friozinho bom pra gente ficar debaixo das cobertas, a Clarissa só levantou quando os passarinhos já conversavam animados. Dava pra ouvir o que eles falavam naquela língua musical deles, que ela estava tentando decifrar tinha já alguns meses. A ideia veio daquele livro que o seu Antônio deu de presente pra ela no último aniversário, quando completou sete anos, uma mão cheia e dois dedos. O seu Antônio nem era parente dela de verdade, era pai do tio Leite, que casara com a tia Bel. Mas o seu Antônio era professor da faculdade e gostava de dar livros de presentes, era isso que a tia Bel tinha dito uma vez, e a Clarissa achou bom, porque pra ela uma das coisas mais legais era ficar lendo. Tinha até aprendido antes do tempo, antes que a professora ensinasse na escola, porque os pais ensinaram de tanto que ela pedia pra eles, de tanto que dizia que os livros só com figuras eram legais, mas também queria os outros, com figuras e palavras, ou até só com palavras. Queria descobrir o que significavam as palavras, assim como agora queria saber a língua dos pássaros. Queria saber de tudo a Clarissa!

Tateou seus óculos, uns óculos até que bonitos, roxinhos e redondos, a mãe dizia que ela ficava charmosa com eles. De qualquer forma, quando ela virasse mocinha, tivesse uns quinze anos, ou três mãos cheias, ela ia poder operar, uma operação que não doía nada, nem cortava, era feita só com raio laser. Aí não ia precisar mais usar óculos. O livro que o seu Antônio tinha dado contava a história de uma família de passarinhos que adoravam conversar e cantar, mas não gostavam muito de trabalhar. Depois, no final, eles aprendem a trabalhar, a fazer um ninho mais bonito, a procurar frutas gostosas pra comer, essas coisas da vida deles.

Ela subiu na cadeira que deixava perto da janela pra quando precisasse. Puxou a cortina e abriu a janela. Os pardais estavam na árvore em frente à casa da dona Alzira, a vizinha do lado direito se a gente fica encostado na grade da frente da casa da Clarissa. Os pardais deviam morar ali na árvore, mas como tinha muitos galhos e folhas não dava pra ver os ninhos. Eles também gostavam de parar nos fios de eletricidade e nunca levavam choque. A Clarissa ficou ouvindo o barulho deles. É, ainda não dava pra entender nada do que eles falavam ou cantavam, mas um dia, quem sabe logo até, ela ia conseguir. Com o Tobi também foi assim. Ele latia e ela prestava atenção, depois ela falava alguma coisa pra ele e ele latia de novo e ela sempre prestava muita atenção no latido dele. Até que um dia de repente ela começou a achar que entendia e o Tobi também entendia o que ela falava. Também, a gente tem de ver que com os cachorros é mais fácil, por eles serem mais parecidos com os seres humanos do que os passarinhos, que têm penas e voam.

Reparou no céu todo bonito de azul. Os passarinhos batem as asas e passeiam lá em cima, podem até ver de perto as nuvens que parecem algodão. O pai da Clarissa disse pra ela que as nuvens podiam ter a forma de várias coisas, de vários animais. O pai e ela foram no parque e ele estendeu na grama uma manta, aquela manta azul meio velha. Eles ficaram deitados olhando o céu e tentando adivinhar o que as nuvens podiam ser. O animal que elas pareciam mais eram as ovelhas, porque são branquinhas e cheias de lãs, a Clarissa já tinha visto ovelhas de perto no sítio da tia Leu. As nuvens também podiam ter o desenho de outros animais e até de um castelo. Depois ela falou isso na escola pra Moeminha, pro Marcuxo e pro Luisito. A Moeminha e o Luisito concordaram, mas o Marcuxo disse que pra ele as nuvens eram sempre algodão-doce, mas a Clarissa respondeu

que não. Elas podiam ser algodão normal, daquele de pôr remédio que arde e passar em cima do machucado pra limpar, mas algodão-doce não, porque se a gente fosse ver o algodão-doce podia ser rosa, amarelo ou azul, e as nuvens não tinha cor, ou tinham sim, porque branco também era uma cor, né?

Ouviu um latido do Tobi lá no quintal do fundo e soube na hora que os pais ainda não tinham levantado. Porque agora que ela sabia a língua dos cachorros ela sabia que aquele latido era de fome. Ou seja, os pais ainda não tinham tomado café e aproveitado pra dar um pedaço de pão duro pro Tobi. Se bem que a Clarissa às vezes combinava com o Tobi que ela ia segurar uma fatia de pão fresquinho com manteiga e ia fazer de conta que abaixava a mão sem querer. Então, como o Tobi sempre ficava embaixo da mesa na hora do café da manhã, ele podia abocanhar o pão e os pais dela não iam ficar bravos com ela, e nem com o Tobi, eles iam até achar graça.

Se os pais não tinham levantado pra tomar café, eles também deviam estar aproveitando o quentinho da cama até mais tarde. Ela ficou um pouco feliz, porque podia ir ficar um tempinho na cama dos pais, bem no meio deles. Calçou o chinelo marrom de coelhinho e atravessou a sala, onde tinha um piano que ela gostava de tocar, estava fazendo aula com a professora Cátia e ia ter uma apresentação pra todo mundo. Mas agora não era hora de tocar o piano. Ela tinha levantado mais tarde do que de costume, mas ainda era de manhãzinha, e domingo, e se tocasse o piano os vizinhos iam reclamar do barulho, porque eles gostavam de dormir até mais tarde. O quarto dos pais ficava no corredor, em frente à biblioteca, que os pais também chamavam de escritório, mas ela preferia biblioteca, tinha uma grande estante embutida com todos os livros da casa, que a Clarissa quando crescesse leria todos.

A porta do quarto dos pais estava fechada. Hum... Será que eles estavam fazendo aquela outra coisa? Ela sabia que os pais, não só os seus, mas os pais de todo mundo, de vez em quando faziam aquela outra coisa. O que não sabia era o que exatamente era aquela outra coisa, mas a Moeminha disse que era uma coisa que os pais faziam juntos na cama, abraçados. E o Luisito falou que os pais sempre faziam um barulho baixinho mas estranho nesses momentos. E era sempre de porta fechada e eles podiam até fabricar um irmão ou uma irmã. Ela não sabia se preferia irmão ou irmã, mas seria legal se viesse alguém novo. Claro, ia ser um nenê, e ia demorar pra nascer, mas depois ia crescer igual a ela.

Grudou os ouvidos na porta do quarto. Pela fechadura não dava pra ver nada, porque tinha a chave. Mas dava pra escutar os barulhos. E pareciam o canto dos passarinhos e até o uivo do Tobi quando ele ficava muito sozinho à noite.

Ouviu um pouco e tomou cuidado pra ela mesma não fazer barulho. Depois andou na ponta dos pés, como se fosse o Tambor, o gato negro de olhos amarelos que morava na casa da vizinha e sempre ficava na ponta das patas passeando em cima no muro. Mas a Clarissa andou devagarinho enquanto o Tambor conseguia ser rápido. Tudo bem, o importante é que os pais não percebessem que ela estava acordada. Porque mesmo que eles não fabricassem um irmãozinho ou uma irmãzinha, era bom quando eles ficavam trancados no quarto fazendo aqueles barulhos estranhos. É que no café da manhã e talvez o dia todo eles iam olhar mais um pro outro e iam dar mais risada e iam ter mais vontade de sair os três juntos, às vezes até com o Tobi, e todos iam se divertir, e a Clarissa ia ficar muito feliz de ver os pais daquele jeito.

Recebido em: 8 jul. 2019.

Aprovado em: 31 jul. 2019.